

Monark, cancelamento e a retórica da perseguição¹

Rodrigo Daniel Levoti Portari²

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG

Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT

Resumo

Este estudo analisa como Bruno Aiub, o Monark, ressignificou sua imagem pública após o cancelamento por defender a existência de um partido nazista. Banido de plataformas e afastado do Flow Podcast, passou a usar a conta @MonarkBanido no X para construir uma narrativa centrada em perseguição, censura e liberdade de expressão irrestrita. A pesquisa, ancorada na Análise de Discurso Crítica e em autores como Bourdieu e Butler, examinou postagens entre 2023 e 2025, revelando três eixos: vitimização, defesa da liberdade de expressão e antagonismo às instituições. Conclui-se que Monark buscou transformar a rejeição em capital simbólico, reforçando sua identidade na nova direita digital.

Palavra-chave: liberdade de expressão; cancelamento; nova direita; discurso digital; Monark..

INTRODUÇÃO

A crescente tensão entre liberdade de expressão e discursos de ódio tem se tornado um dos principais embates no campo comunicacional contemporâneo. Figuras públicas que outrora sofreram rejeição social têm utilizado os meios digitais não apenas para manter visibilidade, mas para tentar converter essa rejeição em forma de capital simbólico, reforçando identidades políticas e ideológicas. Este trabalho analisa esse fenômeno a partir do caso do influenciador Monark, figura central no debate sobre cancelamento e liberdade de expressão no Brasil após a defesa da criação do partido nazista no Brasil durante uma entrevista no Flow Podcast tendo como convidados os deputados Tábata Amaral e Kim Kataguirí.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base na Análise de Discurso Crítica (Fairclough; van Dijk), privilegiando a articulação entre linguagem, poder e ideologia. O corpus é composto por 51 postagens publicadas no perfil @MonarkBanido no X (Twitter), entre 2023 e 2025, selecionadas a partir de três categorias previamente

¹ Trabalho apresentado no GP 12 Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação, professor do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG e professor permanente do PPGCOM da Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT. E-mail: rodrigo.portari@uemg.br.

definidas: 1) vitimização, 2) defesa da liberdade de expressão e 3) antagonismo às instituições. Também foram consideradas postagens com elementos visuais e reposts estratégicos, o que permitiu uma leitura multimodal do discurso.

Fundamentação Teórica

O estudo apoia-se em autores que discutem o papel da linguagem na construção da esfera pública. Pierre Bourdieu (1996) contribui com o conceito de capital simbólico para compreender como figuras rejeitadas publicamente podem recuperar legitimidade em determinados campos sociais. Judith Butler (1997) é mobilizada na problematização da liberdade de expressão em contextos de discurso odioso. Chantal Mouffe (2015) e Wendy Brown (2009) ajudam a pensar os deslocamentos ideológicos da nova direita, bem como as estratégias populistas de antagonização.

Análises e Resultados

A análise identificou que Monark se vale de três eixos discursivos para reconstruir sua imagem:

- Vitimização: Ao se apresentar como censurado e perseguido, ele tenta inverter o lugar de enunciador de um discurso problemático para o de vítima de injustiça institucional.

- Liberdade de expressão como valor absoluto: O discurso sustenta a ideia de que qualquer limite à fala é censura.

- Antagonismo às instituições democráticas: A grande mídia, o STF, universidades e partidos são alvos frequentes de ataques, descritos como integrantes de um suposto “sistema opressor”.

Além do texto, o influenciador mobiliza uma estética visual característica: frases com fundo preto, memes, recortes de vídeos e repostagens de conteúdos de influenciadores de direita. A performance comunicacional reforça seu *ethos* de autêntico e “antissistema”.

Considerações Finais

Monark pretendeu converter o cancelamento em uma estratégia discursiva de engajamento. A rejeição institucional se transformou em combustível para uma identidade performada de resistência, ancorada na vitimização, na liberdade irrestrita e

no antagonismo ideológico que dialoga com a direita digital. Esse processo demonstra como o ambiente digital permite a reconfiguração simbólica de sujeitos cancelados, revelando as ambiguidades da liberdade de expressão e sua apropriação política em tempos de radicalização discursiva. O estudo contribui para os debates sobre censura, cultura digital e os limites democráticos do discurso nas mídias contemporâneas.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.

BROWN, Wendy. **Regulating aversion: tolerance in the age of identity and empire**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o político**. São Paulo: Edições UNESP, 2015.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VAN DIJK, Teun A. **Ideologia e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.